

Milton Dias

RUA CORONEL FERRAZ, 230  
FORTALEZA - CEARÁ

Meu caro Sêrvulo:

Você verá, com as palavras que se seguem, que não houve um culpado, nem houve culpados, nem esquecimento, nem má vontade, nem negligência, na história curtinha que lhe contarei, da ainda-não-realização da sua anunciada exposição. Anunciada várias vezes pela imprensa local. O pior, o que me doi e me humilha é que todos sabem que os trabalhos estão comigo e fica parecendo incapacidade minha. Mas foram as circunstâncias, os acontecimentos inesperados, a vida, a estranha vida, aventurado cotidiano que agente não pode parar, nem decidir a nosso bel prazer. Inútil ~~pensar~~ pensar todo dia, anotar, traumatizar-se. Recorro ao Livro dos Livros: "Tôdas as coisas têm o seu tempo e tôdas elas passam debaixo do ceu, segundo o tempo que a cada uma foi prescrito... Há tempo de se chorar e tempo de rir. Há tempo de se afligir e tempo de dançar".

Foi o seguinte, irmão: Quando chegaram seus trabalhos (eu conversava com Clabboz, no gabinete do nosso Magnífico), Zenon estava de viagem marcada para São Paulo <sup>eu contava</sup> e com Zenon, sua experiência, sua capacidade, sua amizade (ah, a incomparável, dedicada, constante, fiel amizade desse grande Zenon) para ajudar na montagem, instalação da sua "expo", na Livraria Renascença.

Segundo capítulo: Volta Zenon, marcamos dia, hora, momento, vamos ao Luiz da Cabeça Pelada, vulgo Luiz Maia e vemos, vemos com êstes olhos míopes e medinos e contamos espaço e verificamos que não era possível lá, entre aquelas quatro paredes, muitos livros, balcões e "pas de place" para os palanques.

Terceiro capítulo: Falo com o Reitor, para fazer cá na Reitoria. A Reitoria entra em obras, o prédio só tem agora a fachada, estamos numa casita vizinha, onde morou o Sílvio Gentil, instalados precariamente. Martins Filho lembra de fazer-se a exposição na "hall" da Faculdade de Farmácia e Odontologia, Rua Barão do Rio Branco, ponto relativamente central. Então, Floriano, com gosto, com arte, alegria no peito, se encarregaria da parte técnica, montagem & cia - já que se tratava, a essa altura, de uma exposição nossa.

Quarto capítulo: Floriano viaja para São Paulo e Rio, a serviço da Universidade, volve apenas em Fevereiro, na ocasião em que se encontrava aqui o Bandeira.

Sua família está bem

Organizaram então uma expedição folclórica a Crato: Bandeira, Fran, Floriano, Lívio Xavier, por terra. De volta, Bandeira resolveu fazer uma exposição na nossa terra, dependendo do material que se encontrava na Bahia. ~~xxxxxxxxxxxx~~ Para não fazer as duas exposições ao mesmo tempo. Paramos a sua, porque Bandeira, presente, assistiria à inauguração da própria.

Quinto capítulo: Bandeira desiste da sua exposição, Floriano se prepara para partir para nova viagem a São Paulo (organização, lá, com Paulo Mendes de Almeida, de uma exposição de xilogravuras populares do Juazeiro, com dia marcado (por causa da dita exposição demorou-se não sei quanto tempo nos seus pagos - Cariri).

Quinto capítulo: sua exposição programada para agora. O impossível, entretanto, acontece. Cai uma tromba d'água em Orós, a parede do açude arromba. Pânico no Estado, ameaça de "afogamento" de várias cidades (Limoeiro, ~~xxxxxxxx~~ Jaguaribe, Aracati, São João Jaguaribe, Jaguaribara, Itaiçaba, Icó), isto falando apenas das cidades, mas ao todo 23 localidades. Vivemos momentos de angústia, de inquietação com as populações ribeirinhas. Trabalho intenso do governo, particulares - deslocamento de ministros de Estado, comissões de técnicos, o diabo.

Tôdas as atividades estão, pois, suspensas. Um pouco antes da partida do Reitor para o Rio eu acertara que, no seu retorno, sua exposição seria feita. Ele concordou, achando mesmo que seria um momento muito oportuno, em face do reinício do ano letivo. Mas, como ficou dito, o impossível acontece. Ainda bem não tinham voltado para o sertão os flagelados acossados pela perspectiva de seca - e nos inundamos nós! As cidades acima citadas foram evacuadas. Pode você pensar no drama duma infinidade de gente miserável, sem transporte, sem curso, sem roupa, sem alimento, sem nada, só com muita chuva na cabeça e muita ~~xxxxx~~ fé em Deus dentro dos peitos. *Tôdas as vistas voltadas para eles.* Seu material está aqui perto de mim, junto do meu bureau. Ainda que o quizesse, não esqueceria. Mas você pode calcular como me entristece não ter ainda realizado sua exposição. Sinceramente, sinceramente - falo constantemente cá no meu gabinete - e esse permanente adiamento de cartas, era a esperança de, na próxima, dar-lhe a boa nova, que ainda não vai nesta, "hélas..."

Bandeira vai volver cá em Junho. Fará um mural para a Faculdade de Direito. Goebel mora no Rio, trabalha para a "Modulus", ligado a Niermeyer, com tarefas em Brasília. Terezinha, sua mulher, já se foi, não faz um mês, com as crianças. Jairo Martins Bastos também se atacou para

11

o Rio. Zenon começa a pensar na emigração. O menino Fred precisa estudar no sul (participou de um Seminário de Música em Terezópolis, com grande êxito) e, evidentemente, largas perspectivas se abririam para o Zenon em São Paulo ou no Rio, sem falar nas possibilidades de Maria Helena, no setor musical. Mas, no íntimo, não querem partir e talvez não partam. José Helder Souza, internado há vários meses no Sanatório Mecejana, está em franca recuperação. Terá alta dentro de pouco tempo. Logo tenha a alta, espera ir para Santa Catarina, Paraná ou São Paulo, não sabe ainda.

Mandei-lhe, pelo correio, o "Sete Estrêlo", um livro que publiquei, saiu este mês.

Sim, antes que esqueça, antes, antes, - é provável que Fran Martins e eu vamos à França, numa bolsa de estágio, por cerca de quatro meses. Não se sabe quando será a partida - acertaremos por esses dias: talvez maio.

Não se scandalize se lhe disser que recebi sua carta há meia hora e já a respondo. Vinha me dando mesmo uma coceira, um mal estar, uma "upação no peito" (linguagem do Massapé) de passar tanto tempo esperando a vez de lhe mandar notícia.

Talvez houvesse ainda muito o que dizer. Mas é impossível conversar mais agora. Impossível, com tanta coisa a fazer. Não tenho um copo de uísque ao meu alcance. Bem que o gostaria. Fica para outra vez. Quem sabe, na próxima, eu falo da exposição mesmo.

Abraços, votos de boa sorte, pedido de compreensão: inútil pedido para quem tem um coração do tamanho dum bonde como você.

Recomendações à Anne Marie.

Disponha-se

amigo

Leif

28  
19  
60